



XXX Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte

ELISEU VISCONTI, A HISTÓRIA DA ARTE NO BRASIL E O DISCURSO CRÍTICO ENTRE 1901 E 1967

Ana Maria Tavares Cavalcanti

UFRJ/ CBHA

As mudanças ocorridas no discurso crítico sobre Eliseu Visconti (1866-1944) entre 1901 - data da primeira exposição que realizou no Brasil após período de estudos na Europa – e 1967 – ano da exposição comemorativa do centenário de seu nascimento no Museu Nacional de Belas Artes, são significativas. O estudo comparativo dos textos sobre Visconti propicia a compreensão do caráter interpretativo presente na escrita da história da arte. Formado na Academia Imperial de Belas Artes, no Rio de Janeiro, Visconti completou seus estudos na Europa entre 1893 e 1900. Em 1901, críticos de arte brasileiros o identificaram aos pré-rafaelitas ingleses, ao francês Puvis de Chavannes, à “escola de arte decorativa moderna”, ao *Art Nouveau*. Sua atuação ganhou destaque oficial nas primeiras décadas do século XX, como artista integrado à modernização da cidade do Rio de Janeiro, a partir da realização das pinturas decorativas para o Theatro Municipal, edifício emblemático da reforma da capital republicana, sonhada pela elite brasileira como “Paris nos trópicos”. Em 1915, suas decorações para o *foyer* do Theatro foram elogiadas pelas “sensações da melodia, do ritmo, da harmonia” que sugeriam, e sua arte era admirada pela crítica e pelo público. Na década de 1920, o nome de Visconti aparece em livros dedicados à história da arte no Brasil como artista consagrado e merecedor de todos os prêmios e distinções conferidos pela Escola de Belas Artes. Contudo, nas décadas



XXX Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte

de 1940 e 1950, há uma inflexão na escrita sobre Eliseu Visconti. Nestes anos marcados pelo antagonismo entre os defensores da tradição artística e os propagadores da arte abstrata no Brasil, em terreno dividido e radicalizado, o discurso que fazia de Visconti um precursor da arte moderna era bem-vindo. Em 1944, Frederico Barata, em seu livro “Eliseu Visconti e seu tempo”, apresentou o artista como o primeiro impressionista brasileiro e o verdadeiro “marco divisório” entre o passado e o futuro da pintura nacional. Era a primeira deixa para o discurso sobre o aspecto “revolucionário” de sua pintura, interpretação que marcará os textos do catálogo da sala especial dedicada a Visconti na II Bienal de São Paulo em 1954, e estará presente na Exposição de 1967 no MNBA. Perceber as mudanças na interpretação sobre a obra de Eliseu Visconti nos leva à seguinte questão: em que medida a utilização de modelos ou conceitos pré-estabelecidos no discurso da crítica e da história da arte estimula ou dificulta o diálogo com as obras?

Eliseu Visconti, crítica de arte, historiografia da arte